

Atuação em campo com Oficinas de Criatividade: que Psicologia se faz?

Christina Cupertino

Resumo: Durante vários encontros e simpósios vêm sendo expostas e discutidas práticas psicológicas e psicoeducativas que têm como um dos objetivos romper com os enquadres das psicologias mais tradicionais, imprimindo movimentos de transformação não só na atuação, mas na própria definição e no âmbito do que é o fazer do psicólogo. Entre elas estão as Oficinas de Criatividade, que vêm sendo descritas em suas várias modalidades e variações. Alicerçadas numa capilaridade que facilita sua penetração nos diversos ambientes onde vêm sendo praticadas, despertam em seus participantes outros olhares e modalidades de troca de experiências. Ao mesmo tempo, deflagram em quem as implanta o levantamento de questões dirigidas predominantemente aos fundamentos e procedimentos mais ortodoxos aprendidos ao longo da formação. Com base no pensamento fenomenológico e em registros obtidos ao longo de supervisões de estágio de alunos de 5º ano de Psicologia, essa apresentação visa explicitar e discutir alguns tópicos ligados a conflitos provenientes dos deslocamentos vivido pelos estagiários no exercício de tais formas mais heterodoxas de exercício profissional. O principal deles é a questão de que Psicologia se faz fora dos confortáveis contextos controlados dos atendimentos psicológicos, uma vez que ao longo das supervisões é possível identificar de que fundamentos e atitudes osicineiros lançam mão quando facilitam seus grupos em Oficinas de Criatividade, e como estes podem ser vivenciados em modos cristalizadores ou transformadores de relação com o outro.

Ao longo dos últimos simpósios do grupo que promove esse encontro vêm sendo expostas e discutidas práticas psicológicas e psicoeducativas que têm como um dos objetivos romper com os enquadres das psicologias mais tradicionais, imprimindo movimentos de transformação não só na atuação, mas na própria definição e no âmbito do que é o fazer do psicólogo. Entre elas estão as Oficinas de Criatividade, que vêm sendo descritas em suas várias modalidades e variações.

Para quem chega agora, é importante dizer, muito brevemente, que as Oficinas são uma modalidade de prática psicológica baseada no uso de recursos expressivos de

natureza artística. Apesar de não serem definidas por seu lugar de implantação, as Oficinas têm sido oferecidas (e investigadas), principalmente, em ambientes ou contextos nos quais o acesso da população aos serviços psicológicos não só é escasso, mas quando acontece, é baseado em práticas destinadas a classificar e determinar patologias, com uma função de controle e exclusão. Realizadas em encontros grupais, estimulam os participantes a utilizar variadas formas de expressão para lidar com temas definidos a partir das demandas do próprio grupo, favorecendo a transformação das relações e uma ampliação dos horizontes existenciais de cada um, pela troca de experiências e vivência compartilhada da multiplicidade de formas de existir.

Compreendido a partir do pensamento fenomenológico, o trabalho com Oficinas tem uma série de especificidades que venho tentando explicitar desde o seu surgimento e, dentro desse grupo, a cada ano. o que farei novamente nesse relato, no qual pretendo apontar e discutir alguns dos aspectos que vêm sobressaindo-se como os mais relevantes nesse momento. São alguns, entre os muitos possíveis que constituem essa prática, e que foram selecionados aqui de forma a justamente provocar as discussões que alimentam um simpósio como esse.

Destaco, inicialmente, um de seus muitos objetivos, e talvez o mais importante deles, que vou discutir mais profundamente. Outros temas levantados a ele se seguem, mencionados de forma a apresentá-los para que sejam aprofundados no futuro.

A fala poética e o fazer psicológico

Esse objetivo está no cerne da prática propriamente dita: trata-se de instituir uma fala poética complementar ou mesmo substituta da fala racional explicativa através da qual os fenômenos humanos vêm sendo associados nas demais psicologias, predominantemente positivistas. E compreender essa fala poética demanda a retomada de alguns aspectos centrais da filosofia heideggeriana quando associados ao fazer psicológico.

O principal aspecto diz respeito aos dois níveis possíveis de apreensão ou entendimento do acontecer humano (ou, dito de outra forma, dois modos de linguagem) – o propositivo, da representação e o fenomenalizante, da apresentação.

O nível propositivo informa sobre um mundo objetivo, sobre uma “realidade” consensual compartilhada, passível de demonstração e argumentação, com base no princípio de razão, que diz que não há nada que seja que não tenha uma razão de ser (Heidegger, 1962). A realidade é a crença indiscutível não só de que as coisas são e estão aí, mas de que são por uma razão. Dito de outra maneira, podemos pensar que a verdade de uma coisa está na razão pela qual ela é esta coisa, e que se não prestamos contas da razão pela qual ela é, não podemos avaliar se ela é verdadeira. Não podemos avaliar se ela, de fato, é.

Sobre ela normalmente se fala por meio de uma linguagem que a represente, que defina a correspondência entre o que é dito e o fato: ao lançarmos uma proposição sobre um evento, fazemos isso acreditando, implicitamente, que ela o represente. Representar é trazer o objeto para diante de si, por meio da linguagem que a ele deve corresponder: a linguagem representa, traz para diante de, coloca diante de, aquelas coisas passíveis de objetivação, as que demandam ser conhecidas, e que assim passam a poder ser. Ao representar, objetivamos o mundo como quem lida, com segurança, com a coisa propriamente dita.

Para nós, psicólogos, isso pode significar que, ao trabalharmos, botamos ordem nas coisas ao interpretar, ao comparar o que escutamos com um quadro de referências que explique os motivos e as procedências dos acontecimentos. Achamos causas e descrevemos padrões, fazemos prognósticos e previsões. A linguagem, por essa perspectiva, é o veículo entre o sujeito e um mundo objetivo (Figueiredo, 1996), e se constitui num sistema estático de significações em que cada elemento do sistema tem significado de acordo com suas relações com os demais elementos. Dar as razões é reconstituir a trama dos nexos, de forma a significar os elementos a partir de seus sentidos já atribuídos.

O pensamento heideggeriano defende, por outro lado, outras formas de linguagem, para cuja compreensão temos que nos reportar, de início, à questão fundamental do ser.

O *Dasein* – ou ser-aí, tem, como horizonte último, a ausência de sentido: é ser-para-a-morte. O ser-aí é enquanto projetado para a ausência, para a não existência. Para o nada. Compreendido de início como vazio, o nada pode ser, ao mesmo tempo,

possibilidade infinita de sentidos: onde nada é, tudo pode ser. O ser é, assim, a abertura pela qual aquilo que é pode vir a ser. Lançado nessa possibilidade de sentidos, o ser-á compreende o mundo a partir de uma compreensão prévia, pré-reflexiva, que lhe é dada pelo mundo lingüístico no qual foi lançado (Heidegger, 1988).

A segurança de ser-no-mundo longe da angústia da morte depende do apoio no significado atribuído aos entes pela linguagem compartilhada pela cultura. A forma de ocultar a finitude, a possibilidade de não ser, é viver num modo que é impróprio, não porque equivocado, mas porque dele não nos apropriamos. Como já foi dito, é nessa trama pré-pessoal de discursos cotidianos que nascemos e vivemos a maior parte do tempo. E essa é a fala do cotidiano, do impessoal, do modo impróprio de existir. Nela nos apoiamos, irrefletidamente, quando vivemos a vida simplesmente, fazendo uso dos entes e das palavras como representação deles. Nela nos apoiamos também no empreendimento de conhecer um mundo tomado como objeto, no qual as coisas e eventos são definidos operacionalmente em categorias próprias à manipulação e controle. Essa trama só será interrompida por experiências promovam um desalojamento que, por sua vez, demande uma ressignificação. Experiências que provoquem ruptura, inserindo a estranheza, diante da qual ainda podemos ter dois movimentos.

Podemos recorrer à segurança de um nomear instantâneo, buscando atribuir à experiência seu significado mais conhecido, remetendo-o às categorias preestabelecidas e ao familiar, ainda que para contestá-lo. Representamos, trazendo o objeto para diante de nós por meio da linguagem que a ele deve corresponder,

Ou podemos permanecer na quietude da escuta, esperando que o sentido do ser irrompa, explorando outra possibilidade de compreensão da linguagem. Ou seja, podemos lidar com o que nos aparece pela via da representação ou, ao contrário, em seu sentido mais amplo, de recolhimento e apresentação: a fala poética.

A fala representacional elimina, em nome da precisão e do enxugamento, a riqueza que está em uma outra fala, cujo sentido foge de uma delimitação precisa e unívoca de sentidos: a fala como anúncio, que mostra como num gesto. Um falar apresentativo, oposto ao proposicional-argumentativo. Uma fala poética que, por sua vez, tem como função por em movimento aspectos do existir humano não acessíveis pela fala

representativa: mostrar uma direção, abrir uma clareira onde aquilo que é pode sê-lo, prescindindo de argumentação ou explicação.

Considerando o campo do psicológico, é a fala que permite recolher o que nos aparece – em qualquer contexto de nossas práticas, estabelecendo um trânsito que conduz a experiência, que acontece em conjunto com nossos clientes, para um sentido ou direção compartilhados. Para uma sintonia que pode traduzir-se num encontro transformador, ainda que fortuito. E que surge da suspensão das atribuições de significado prematuras, cuja função é o mero reassseguramento, tanto do praticante como de suas práticas.

A fala poética e as Oficinas de Criatividade

Considerando o que foi dito acima, podemos pensar na definição mesma das oficinas como o lugar para o aparecimento, para o desenvolvimento e para um contato mais explícito, por parte do aprendiz de Psicologia, com a possibilidade de suspensão em um tipo de escuta mais condizente com o surgimento dessa fala que apresenta descrita acima.

Esse contato é facilitado pela via de expressão privilegiada nas oficinas, que é a do uso de recursos mais característicos do fazer artístico. Tais recursos possibilitam um contato com a experiência que vai se desdobrando nas diferentes etapas de cada atividade. Cada vez que lançamos um tema para a atividade daquele dia, o participante tem que elaborar uma prospecção por sua história, pelos eventos da sua vida, associados ou não, de modo a produzir alguma coisa relacionada ao tema sugerido. O pedido é sempre feito da forma mais vaga possível, como uma sugestão, constituindo-se, ele mesmo, como um apontar mais gestual do que operacionalmente definido (nesse sentido, relembro aqui a formulação do estilista e artista Jun Nakao, quando fala de um trabalho que envolve “o uso preciso do vago”). Essa vaga formulação de um tema tem como função abrigar o que quer que o participante entenda sobre que foi pedido, uma vez que o trabalho não visa “representar” nada a que possamos nos reportar de maneira a avaliar sua correspondência com o que foi vivido. E é assim que a experiência se desdobra.

Por exemplo: no caso de grupos voltados à sensibilização de psicólogos em formação, podemos pedir, em um determinado dia, que falem sobre suas heranças. O

próprio pedido abriga a possibilidade de desvelamento de uma infinidade de interpretações: os valores herdados, a relação da pessoa com bens materiais, os aspectos que valoriza em si e nas relações familiares, bem como os entraves dessas mesmas relações. Normalmente pedimos que esse trabalho seja feito com fios de lã, material que sugere metáforas como laços, nós, “enroscos”, que alguns participantes, mais criativos, aproveitam. O processo vivido após o pedido, então, desdobra a experiência em diversos níveis. É preciso lembrar de situações vividas, passadas e presentes, assim como projetar o futuro. É preciso lembrar de pessoas, situações e relações. A experiência retomada é, assim, recolhida e posta à disposição para a elaboração de um trabalho que, ao mesmo tempo, não tem com ela uma relação estrita de correspondência ponto por ponto. Ao organizar no papel, com a lã, aquilo que quer contar, o participante desvela, para si e para os outros, aspectos dos quais não tinha ainda se dado conta, e que constituem, por sua vez, uma outra forma de vivenciar as questões relacionadas ao tema proposto. O trabalho pronto traz sempre alguma surpresa, alguma reorganização, na medida em que não é uma representação fiel, ponto por ponto, da situação descrita. Nessa medida a produção gera, quando possível para a própria pessoa, uma ressignificação.

O trabalho com oficinas: que Psicologia se faz?

Com relação a essa questão, que é a que perseguimos nesse momento da investigação sobre as Oficinas de Criatividade, é possível identificar alguns elementos para pensar nos pontos de confluência, e mais, nos pontos de divergência dessa prática frente aos atendimentos psicológicos tradicionais, relacionados, de alguma forma, com o desenvolvimento dessa outra sensibilidade para uma outra escuta, que deriva no manejo, conseqüentemente diverso, do fazer profissional. Trago para discussão, em itens, alguns dos aspectos que fazem das Oficinas uma modalidade peculiar de prática psicológica ou psicoeducativa, desvelando algumas especificidades que indicam possibilidades de um exercício profissional menos autoritário, desvinculado da naturalização tão característica dos serviços psicológicos mais tradicionais.

Os itens apresentam questões delicadas, que circulam por alguns “espaços sagrados” do fazer psicológico, como a demanda e o enquadre, por exemplo. As minhas

reflexões sobre elas não estão acabadas (e obviamente nunca estarão, já que nesse tipo de trabalho não é viável chegar a conclusões no sentido estrito da palavra). Estão constantemente em processo, fazendo-se a cada instante, e é nessa condição que as compartilho, para que possamos discuti-las.

A questão da demanda

Começaremos pela questão que deu início ao último simpósio, referente à demanda e ao fato de que somos nós que vamos até a “clientela”.

O formato das oficinas implica numa capilaridade que favorece sua oferta numa variedade grande de ambientes e contextos. A prática das oficinas constitui-se num fazer que reverte a clássica trajetória de arrastar o cliente para o espaço/tempo/discurso do psicólogo. As oficinas, como já foi dito, acontecem onde a vida do interlocutor (pessoa, grupo e instituição) acontece. Seu objetivo é oferecer as condições para que possam ser abordadas, compartilhadas e discutidas questões importantes de sua vida, para transformá-las, se for o caso, já que essa modalidade de intervenção pode ter um caráter preventivo e/ou terapêutico, de acordo com as necessidades dos envolvidos. A forma de definir essas questões, então, é o ponto crucial da demanda, que é de todos, oficinairos, instituições e participantes.

Nessa inversão de sentido, tem relevância discutir as condições de escolha das instituições por parte dos estagiários, uma vez que essa escolha pode ser compreendida, desde o início, já como uma forma de apreensão do que é esse fazer, das necessidades da população, da preocupação com a própria formação e mesmo dos aspectos emocionais e afetivos do aluno. É primeiro uma escolha pela área de estágio, que é optativa. E depois de instituições, que são eles que escolhem. Podemos considerar que, pré reflexivamente, já se inclinam para algum tipo de local que aparece para eles como possibilidade. A escolha não é casual, é um movimento de afetação mútua. É uma resposta a um desejo, a um desafio, a alguma coisa que diz respeito ao estagiário que, ao escolher livremente, não atende só a uma necessidade da comunidade. A partir de uma compreensão prévia, o aluno vai atrás, vai aberto para determinadas possibilidades. Dentre uma variedade de alternativas, já se lança para algumas apenas.

Essa escolha já se dá no modo de um estranhamento, porque lá há algo enigmático, que desperta a vontade de conhecer. Diferente de outras possibilidades, que podem se perder no modo do impessoal, passando sem causar impressão, como o já conhecido. Só depois esse estranhamento vai se tornar, aí sim, objeto de investigação, a partir da própria prática.

A condição de afetação mútua também sugere que os lugares escolhidos o são porque, de alguma forma, os alunos já sabem que ali pode acontecer uma Oficina. Tendo passado pelas atividades por um semestre, vão cultivando uma experiência que, num certo sentido, pode indicar que lugares são mais propícios. E, nesse sentido, a Oficina oferecida como parte da formação afina um movimento que não está presente nos demais atendimentos, onde se recebe quem vem, pela ordem, importando apenas se a pessoa se encaixa na faixa populacional atingida pela disciplina de estágio (psicoterapia de adultos, de crianças, etc.)

A questão da continuidade

Essa questão se desdobra na esteira do tópico anterior, com o qual é estreitamente relacionada.

As oficinas são implantadas por períodos preestabelecidos, acordados entre todos os interessados: instituições, participantes e oficinairos. Podem acontecer em um encontro único, ou em qualquer número de encontros, desde que essa seja a demanda e a necessidade de todos, e que isso seja combinado. Não é suposto que tenha uma duração fixa para todos os grupos, e menos ainda que dure para sempre. Nesse sentido, assemelha-se com a prática do Plantão Psicológico, onde importa colocar em movimento os recursos dos envolvidos. Por isso, como foi dito, é necessário um cuidadoso levantamento da demanda de cada grupo para planejar as atividades, que têm início e fim dentro de cada encontro.

Ao mesmo tempo, é diferente de um plantão, por exemplo, porque não esperamos que as pessoas venham até nós com algum problema ou sofrimento. Elas não têm como foco exclusivo os problemas e/ou o sofrimento. São oferecidas como um recurso de transformação, para quem tiver interesse em passar pelo processo. Naturalmente têm

efeitos terapêuticos que derivam das produções e reflexões realizadas, mas não se caracterizam como psicoterapia no sentido estrito da palavra (Jordão, 1999).

Os oficinairos vão até os lugares onde exista interesse pelo trabalho, levantam as condições e questões pertinentes a cada lugar, elegendo os temas em conjunto com os coordenadores da instituição e com as pessoas interessadas. Definido o número de encontros, esses acontecem e o trabalho se encerra. Não há continuidade, e o trabalho todo conta com isso.

Acontecem importantes transformações em curtos períodos de tempo, porque o que a pessoa precisa, muitas vezes, é de um espaço onde se escute o que ela fala, onde ela possa trocar experiências com outros membros do grupo. As trocas são um elemento muito importante, na medida em que ampliam a experiência de todos.

Por exemplo, um exercício em que se tenha que responder, com um desenho, a uma pergunta vaga como: “de onde eu vim?”, questão que consideramos relevante num de nossos grupos de gestantes. Há quem diga que veio do amor do pai e da mãe, quem diga que veio do cosmos, mas há também aquele que fala, muito concretamente, que veio de casa. Cada um, ao falar, está lembrando aos demais que o que diz é uma das alternativas possíveis. Confrontado com as outras respostas possíveis, pode apropriar-se do sentido de sua experiência, ou explorar, em sua imaginação (e, talvez, posteriormente, na vida), outras alternativas. A mobilização desencadeada em cada encontro tem um nível de impacto sobre o participante que é a medida da necessidade dele. Tem, também, a “durabilidade” dessa mesma medida, que não pode ser avaliada explicitamente, porque desdobra-se pela vida da pessoa, sem que sobre ela tenhamos qualquer controle.

O trabalho é focalizado no fortalecimento das relações, no estabelecimento de redes de apoio e sustentação, porque nós não vamos estar lá mais. As conversas são postas na roda, para que possam circular, de forma que os participantes possam dar andamento àquelas demandas, sozinhos ou coletivamente. Ao psicólogo cabe facilitar esse trânsito.

Uma outra questão relativa à continuidade é o fato de que os alunos envolvidos com uma oficina vão embora, porque se formam, e no ano seguinte outros virão para o mesmo lugar, onde oferecerão outras experiências, porque são outros. Então passam pessoas diferentes, nos lugares onde estamos já há alguns anos.

Em um mesmo lugar, por exemplo, foram feitas cinco oficinas, completamente diferentes. Uma delas acabou se transformando, por consenso de todos os participantes, num grupo de terapia. Mesmo quando a proposta foi a mesma – de cinema, por exemplo, o acontecimento foi outro, completamente diferente. Porque as pessoas eram diferentes. Pode ser até uma mesma idéia, mas conduzida por oficinairos diferentes, cada uma é um acontecimento, que se dá num período de tempo combinado, e que chega ao fim.

E, se e quando existe uma demanda de continuidade, ela for considerada pertinente por todos, um novo acordo pode ser feito, por um novo prazo, com outros objetivos.

A questão dos pressupostos

O trabalho se baseia em pressupostos, sempre, como qualquer outro. Nesse caso, no entanto, esses pressupostos têm que ser clarificados a cada vez que planejamos as atividades, levando-nos a questionar de quem é aquela necessidade. Por exemplo: quando no exemplo dado acima, pedimos para o grupo falar das heranças, estamos supondo que esse tema é relevante para sensibilizar psicólogos em formação. Esse pressuposto vem do conhecimento psicológico, de uma visão do psicólogo como alguém que não tem medo de falar dessas coisas, que tem facilidade ou precisa desenvolver a facilidade de mergulhar nesse tipo de assunto, que precisa ter clareza quanto esses aspectos de sua vida. Essa são todos argumentos que utilizamos, por exemplo, em nossas reuniões de professores, quando assinalamos a necessidade de que o aluno faça terapia.

O mesmo acontece quando planejamos as atividades de um grupo específico. Como pode ser observado em uma fala de uma das alunas em supervisão, sobre um grupo de adolescentes: “eles são muito passivos, não tem uma coisa que possamos fazer para tirá-los da passividade?”

Nesse caso, exercitamos o deslocamento de sempre perguntar: Quem disse que eles têm que sair? De onde vem a constatação dessa necessidade? De um estereótipo? De um padrão de adolescente? Dos manuais de Psicologia, do que você acredita na vida, ou de uma coisa percebida no contato com eles? Como descrever o que foi percebido de forma a justificar a escolha da atividade?

E, nesse processo, muitas das decisões são tomadas com base em argumentos derivados dessas pressupostos, mas apenas isso não é suficiente. A sensibilidade que se pretende desenvolver conta, também, com coisas fluidas como o “clima” do grupo, a intuição, a sutil percepção do que está, para desvelar-se, no processo vivido por uma pessoa ou um grupo num momento particular. Coisas que muitas vezes só vão ser nomeadas *a posteriori*, a partir da concretização da atividade, ou mesmo nem formuladas. Parte do aprendizado acontece no acompanhamento de direções de sentido que se insinuam, para as quais, como facilitadores, buscamos vias de expressão.

As Oficinas são temáticas, portanto carregadas de pressupostos passíveis de explicitação. Todas as atividades são norteadas por um pedido, um tema para apoiar a produção. Mas esse pedido, baseado na demanda do grupo, é expresso sempre do modo mais vago possível, para que frente a ele cada pessoa expresse o que, no momento, se apresente a ela como questão. Existe uma “instrução”, uma instrução muito estreita, que funciona como pano de fundo para recolher a experiência e reapresentá-la à maneira e seguindo as necessidades de cada um.

Por exemplo, podemos pedir a adolescentes de um núcleo socioeducativo que recolham e tragam um objeto que fale sobre a relação que têm com a instituição. A partir do que cada um trazer, a conversa vai definir seu rumo.

O encontro acontece a partir de nossa capacidade de compreender a demanda em conjunto com quem pede a oficina, e também de deixar, diante dessa demanda, espaço para que a experiência do participante assuma a forma que ele quiser dar, a configuração que é a dele. Nós vamos com uma proposta, que tem que passar por um rigoroso escrutínio que justifique a opção por ela, e o encontro com o outro se dá na abertura para a originalidade de suas respostas.

Essas não são todas as questões que podemos abordar com relação à prática das Oficinas de Criatividade. Trazem à tona, “para começo de conversa”, aspectos relacionados ao que podemos chamar de desenvolvimento de uma outra escuta para uma outra fala, a serem aprofundados através de discussão e de textos futuros.

Referências Bibliográficas:

HEIDEGGER, M. *Le principe de raison*. Paris: Gallimard, 1962.

_____ *Ser e Tempo*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1988.